



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 29/11/2018



AUTORIDADE NACIONAL DE PROTEÇÃO CIVIL



AI Systems Research Ltda (AISR) - BRASIL



Reunião de Trabalho entre Portugal e Brasil

Encontro entre AI Systems Research (AISR), Defesa Civil de Campinas Brasil, Proteção Civil da Amadora, Proteção Civil de Odivelas e Proteção Civil Nacional de Portugal com foco em ações conjuntas entre a iniciativa privada, cidades brasileiras e cidades portuguesas no contexto da Making Cities Resilient e também a expansão dessas ações para a comunidade de países de língua portuguesa.

- Abertura ANPC e apresentação da PNRRC;
- Apresentação do GT Cidades Resilientes;
- Apresentação Campanha Cidades Resilientes no Brasil e Campinas;
- Apresentação Setor Privado na UNISDR ;
- Apresentação Making Smart Cities e CRIMEDIM ;
- Discussão atividades conjuntas.



Realizado em 27 de novembro de 2018, na Autoridade Nacional de Proteção Civil, Lisboa

Um manual para líderes do governo local

Uma contribuição para a Campanha Global 2010-2020. Tornando as cidades resilientes - "Minha cidade está se preparando!"

Desde a primeira edição deste manual, os governos locais em todo o mundo vêm com formas concretas de reduzir o risco de desastres e aumentar a **resiliência**. Com a adoção do Marco de Sendai para Redução do Risco de Desastres em 2015, a campanha Tornando as cidades resilientes: "Minha cidade está se preparando!" entrou em uma nova fase e mudou seu foco para mais apoio à implementação, aprendizagem e cooperação de cidade a cidade, planejamento de ação local e monitoramento do progresso nas cidades. Alinhando-se a isso, esta segunda edição do Manual responde ao chamado para um melhor acesso à informação, recursos de conhecimento e ferramentas para lidar efetivamente com os impactos dos perigos naturais e mudanças climáticas. Ele fornece uma visão geral das principais estratégias e ações como parte de uma estratégia global de desenvolvimento urbano sustentável. Este manual contém: uma parte introdutória; o corpo principal elaborando as razões para investir em redução de risco de desastres (RRD) e resiliência; os dez novos fundamentos para tornar as cidades resilientes; os cinco passos para desenvolver um processo chamado Ciclo de Construção de Resiliência; e anexos contendo recursos úteis para os usuários do Manual, além de vários exemplos práticos que ilustram como os governos locais, juntamente com as partes interessadas e parceiros, são capazes de alcançar a resiliência.

Introdução : Campinas – (Brasil)

Página 09

FONTE: [https://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/documents/guidelines/Handbook%20for%20local%20government%20leaders%20\[2017%20Edition\].pdf](https://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/documents/guidelines/Handbook%20for%20local%20government%20leaders%20[2017%20Edition].pdf)

Palavras em Ação Diretrizes sobre “Guia de implementação para estratégias locais de redução e resiliência de riscos de desastres”

Muitos de vocês já devem estar cientes de que as Diretrizes da Words to Action sobre “Guia de implementação de estratégias locais de redução e **resiliência** de riscos de desastres” (2018 - versão de consulta pública) estão agora disponíveis no PreventionWeb.

Capítulo 6: Estudos de caso

Estudo de caso 1: **Campinas (Brasil)**

Colaboração entre o estado e o setor privado: a iniciativa Making Smart Cities

Página 50 e 51

FONTE: https://www.unisdr.org/files/57399_drrresiliencepublicreview.pdf



Perdas econômicas, pobreza e desastres: 1998-2017

Este relatório avalia as perdas econômicas e mortes totais relacionadas a desastres entre 1998 e 2017. O relatório conclui que entre 1998 e 2017, desastres climáticos e geofísicos mataram 1,3 milhão de pessoas e deixaram mais 4,4 bilhões de feridos, desabrigados, deslocados ou precisando de ajuda. assistência emergencial. Enquanto a maioria das fatalidades foi devida a eventos geofísicos, principalmente terremotos e tsunamis, 91% de todos os desastres foram causados por inundações, tempestades, secas, ondas de calor e outros eventos climáticos extremos.

Em 1998-2017, os países afetados por desastres sofreram perdas econômicas diretas avaliadas em US \$ 2.908 bilhões, dos quais desastres relacionados ao clima causaram US \$ 2.245 bilhões, ou 77% do total. Isso representa um aumento de 68% (US \$ 895 bilhões) de perdas (US \$ 1.313 bilhão) registradas entre 1978 e 1997. No geral, as perdas relatadas em eventos climáticos extremos aumentaram em 151% entre esses dois períodos de 20 anos.

O relatório discute ainda mais as perdas absolutas relativas à carga sobre os pobres. Os resultados revelam que a desigualdade é ainda maior do que os dados de perdas disponíveis sugerem devido à subnotificação sistemática por países de baixa renda. Enquanto os países de alta renda relataram perdas de 53% dos desastres entre 1998 e 2017, os países de baixa renda relataram apenas 13% dos desastres. Portanto, não há dados de perdas disponíveis para quase 87% dos desastres em países de baixa renda.

Para desastres desde 2000, a georreferenciação descobriu que, em países de baixa renda, uma média de 130 pessoas morreram por milhão de habitantes em áreas afetadas por desastres, em comparação com apenas 18 em países de alta renda. Isso significa que as pessoas expostas a riscos naturais nas nações mais pobres têm uma probabilidade sete vezes maior de morrer do que as populações equivalentes nos países mais ricos.

Esses dados demonstram que, embora as perdas econômicas absolutas possam estar concentradas em países de renda alta, o custo humano dos desastres cai predominantemente nos países de renda baixa e média baixa: a vulnerabilidade ao risco e os graus de sofrimento são determinados pelos níveis de desenvolvimento econômico exposição simples a riscos naturais per se.

FONTE: https://www.unisdr.org/files/61119_credeconomiclosses.pdf



Primeira turma de voluntários da Defesa Civil são diplomados

Evento contou com a participação do prefeito Edinho Araújo



A Defesa Civil de Rio Preto realizou na noite desta quarta-feira, dia 21, cerimônia de formatura da Primeira Turma de Agentes Voluntários em Defesa Civil. O evento ocorreu no auditório do 9º andar da Prefeitura a partir das 18h30 e contou com a participação do prefeito Edinho Araújo. Foram 35 voluntários formados.

O curso durou seis meses. Os formandos aprenderam a manusear extintores, dar apoio no combate a queimadas e incêndios, assim como os protocolos de atuação em casos de emergências e grandes catástrofes. As aulas ocorreram em áreas externas e na sede da Defesa Civil.

Os voluntários estão habilitados a dar apoio às equipes de emergências, mediante acionamento do Plano de Chamada em qualquer hora e dia. “A Defesa Civil pretende manter a cultura do voluntariado formando uma nova turma em 2019, assim tornando a população mais resiliente”, explicou o diretor da Defesa Civil, coronel Carlos Lamin.

FONTE: <https://www.riopreto.sp.gov.br/blog/index.php/primeira-turma-de-voluntarios-da-defesa-civil-sao-diplomados/>



Austrália: estratégia de resiliência de infraestrutura crítica de NSW

A **Estratégia de Resiliência à Infraestrutura Crítica** de New South Wales (NSW) incentiva os líderes empresariais e governamentais a apoiar a comunidade de NSW melhorando a resiliência da infraestrutura crítica (CIR) em toda a NSW.

Esta estratégia promove infraestruturas críticas de NSW que podem:

- resistir a eventos de choque para continuar operando; ou
- ser devolvido ao serviço o mais rapidamente possível após qualquer interrupção; e
- responde a tensões de longo prazo.

FONTE:<https://www.emergency.nsw.gov.au/Documents/publications/policies/NSW%20Critical%20Infrastructure%20Resilience%20Strategy%202018.pdf>



Declaração de Roma dos Stakeholders: garantir a prosperidade da Europa - reduzir o risco de desastres

Esta declaração resume os principais pontos destacados no Fórum Europeu sobre Redução de Risco de Desastres de 2018. O Fórum recebeu representantes dos países europeus, grupos de partes interessadas e parceiros na Itália em 21-23 de novembro de 2018

Ele se baseou nos resultados da EFDR 2017 realizada na Plataforma de Redução de Riscos de Desastres de 2017, realizada no México, e teve como objetivo abordar questões-chave que podem acelerar a implementação da Estrutura de Sendai em coerência com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o Acordo de Paris. Houve uma oportunidade para trocar e avançar na **resiliência** do nível local, riscos econômicos e alcançar as metas prioritárias do Marco de Sendai 2020.

O Fórum convocou todos os governos e partes interessadas a se comprometerem a se concentrar em ações urgentes para o desenvolvimento e implementação de estratégias nacionais e locais sobre RRD, atingindo a meta (e) do Marco de Sendai até 2020, bem como outras iniciativas relacionadas à RRD.

FONTE:https://www.preventionweb.net/files/62147_extromedeclarationstakeholders20111.pdf

Principais Centros Especializados de Riscos da Europa

<https://europa-projects.ext.coe.int/en/>



TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU
Guardiões das finanças da UE

A Diretiva de Inundações da UE de 2007 teve efeitos positivos em geral, mas o planejamento e a implementação agora precisam de melhorias

A diretiva da UE de 2007 levou a um progresso na avaliação dos riscos de inundações, mas o planejamento e a implementação da proteção contra enchentes devem agora ser melhorados, de acordo com um novo relatório do Tribunal de Contas Europeu. Os auditores advertem que grandes desafios permanecem na integração mais completa das mudanças climáticas, seguro de inundação e planejamento espacial no gerenciamento de risco de enchentes. Existem deficiências críticas na alocação de financiamento.

Os eventos de inundação tornaram-se mais frequentes na Europa desde 1985. Nos últimos anos, a tendência mostra que mais de duas vezes mais enchentes de média a grande magnitude foram registradas no final dos anos oitenta. À medida que o clima muda, a UE está a registrar chuvas mais pesadas, tempestades mais duras e a subida do nível do mar. Segundo a Agência Europeia do Ambiente, as consequências das inundações fluviais, pluviais e costeiras na Europa irão agravar-se globalmente em consequência dos aumentos locais e regionais da intensidade e frequência das inundações. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e outras pesquisas indicam que os eventos de chuvas provavelmente se tornarão mais intensos em toda a Europa, e os níveis do mar continuarão a subir. Pesquisas mostram que os danos causados pelas enchentes podem subir para 20 bilhões de euros por ano até 2020, 46 bilhões de euros até 2050,

Os auditores verificaram se a prevenção, a proteção e a prevenção contra inundações, de acordo com a Diretriz de Inundações, se baseavam em uma análise sólida e se a abordagem empregada provavelmente seria eficaz. Os auditores realizaram visitas a projetos de bacias hidrográficas em oito Estados-Membros - Eslovénia, Itália, Espanha, Portugal, Roménia, Bulgária, Áustria e República Checa, bem como nos Países Baixos.

“Grandes desafios futuros permanecem com relação à integração mais completa das mudanças climáticas, do seguro de inundação e do planejamento espacial no gerenciamento de riscos de enchentes. As inundações podem causar ferimentos, perda de vidas, custos económicos consideráveis, danos ambientais e património cultural”, afirmou Phil Wynn Owen, membro do Tribunal de Contas Europeu responsável pelo relatório. “Descobrimos que a Diretiva de Enchentes da UE de 2007 teve efeitos positivos em geral, mas os planos de implementação sofreram de deficiências na alocação de financiamento.”

FONTE: <https://www.eca.europa.eu/en/Pages/NewsItem.aspx?nid=10878>

FONTE: https://www.eca.europa.eu/Lists/News/NEWS1811_20/INSR_FLOODS_PT.pdf

NewScientist

Inundações na Europa causarão cinco vezes mais danos até 2050

O problema das inundações na Europa está prestes a piorar muito. A boa notícia é que existe uma solução, diz um novo relatório da Agência Europeia do Ambiente - a primeira avaliação para cobrir toda a Europa, de acordo com a New Scientist.

As inundações continuam chegando e os cidadãos da Europa estão sofrendo. Houve mais de 3500 inundações desde 1980, diz o relatório, e a tendência é de alta. Em 2010, nada menos que 27 países foram afetados por 321 inundações.

“Os recentes problemas de inundação no Reino Unido estão aumentando a evidência de problemas de piora nas enchentes na Europa”, diz a co-autora Beate Werner. Uma causa é mais chuvas, como a precipitação recorde de dezembro em partes do Reino Unido. Mas muito do dano real surge porque os rios foram cortados de suas várzeas naturais.

FONTE: <https://www.newscientist.com/article/2075712-floods-in-europe-will-cause-five-times-more-damage-by-2050/>



Programa de Desenvolvimento
das Nações Unidas

Financiamento inovador para costas e comunidades resilientes

As zonas costeiras são críticas para a vida e a subsistência, as pessoas e o planeta. São condutos para o comércio, para as comunicações, fornecem recursos e meios de subsistência, são frequentemente centros de crescimento econômico. Ecossistemas costeiros críticos sustentam uma série de setores econômicos fundamentais, incluindo turismo, pesca, extração mineral, petróleo e construção. A economia do oceano, cobrindo grandes categorias de serviços de emprego e ecossistêmicos, é estimada entre US \$ 3 trilhões por ano. E essas áreas são, evidentemente, centros populacionais; já, metade da população mundial vive a 60 quilômetros de uma costa e mais de 600 milhões de pessoas (10% da população mundial) vivem em áreas costeiras que estão a menos de 10 metros acima do nível do mar.

Essas zonas críticas estão sob intensa ameaça. Nossa mudança climática está fazendo com que o nível do mar suba e a inundação seja mais frequente, com tempestades se intensificando em gravidade, enquanto os lençóis freáticos estão cada vez mais contaminados pela intrusão da água do mar e as águas costeiras estão aumentando em temperatura e acidez. Isso está tendo um impacto significativo nas vidas costeiras e nos

meios de subsistência, prejudicando a pesca, o turismo, a biodiversidade e muito mais. Esses efeitos climáticos crescentes e suas consequências correspondentes para países, comunidades e domicílios (especialmente os mais vulneráveis) exigem um novo nível de compreensão do risco e conscientização sobre a resiliência. O Banco Mundial recentemente identificou, por exemplo, o impacto de desastres extremos como equivalente a uma perda global de US \$ 520 bilhões em consumo anual, forçando cerca de 26 milhões de pessoas à pobreza a cada ano.

Este relatório foi produzido através de uma colaboração entre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e The Nature Conservancy, para destacar o que está sendo feito e, além disso, o que mais pode ser feito para proteger as zonas costeiras através de mecanismos emergentes de seguro.

FONTE:<http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/climate-and-disaster-resilience/innovative-finance-for-resilient-coasts-and-communities.html>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>